

Leo não veio. Nem no primeiro nem no segundo avião. Hoje pela manhã, com a pasta contendo o borrador debaixo do braço, dei um longo passeio até a beira do mar. Num pequeno restaurante, com quatro mesas num terraço coberto, comi uma lula, que o dono havia acabado de pescar e, diante de meus olhos, batera pelo

menos uma centena de vezes numa pedra. Para acompanhar, tomei um copo de vinho gelado. Estava sozinho. À minha frente, a geometria das ondas reproduzia-se continuamente a despeito do vento. Vento leste. Por um breve momento, senti — como sempre, à beira-mar — uma aguda ansiedade, provinda da região do coração e comprimindo-me o corpo como que sob extrema tensão. De pronto, as lembranças puseram-se a conspirar contra mim. Levantei-me apressado e paguei a conta, a fim de, andando, recuperar o prumo. Palpitações no coração lembraram-me de um distúrbio cardíaco, como se diz, que certa vez me atormentara em Roma. Medo? Parti um ramo de alecrim e apanhei algumas folhas de hortelã, amassando-as entre os dedos. Antes, “quando ainda tinha uma casa”, trazia ervas, pedras, conchas e que tais de minhas viagens; a casa toda estava repleta dessas coisas “sagradas”. Agora, tinha de juntar um novo estoque.

Encontrei um local protegido do vento, do qual afastei os restos do verão, garrafas plásticas, inúmeros pares de sapatos e sandálias, como se bem ali uma grande multidão houvesse se despedido para sempre da terra firme, frascos de bronzeador e outros objetos coloridos, dos quais, evidentemente, ninguém sentiu falta. Procedi com um cuidado que espantou até a mim mesmo. Cobri o